

O PROFESSOR E SEU TRABALHO EM TEXTOS DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA

Bruno Alves Pereira*

 <https://orcid.org/0000-0003-1781-8434>

Como citar este artigo: PEREIRA, B. A. O professor e seu trabalho em textos da literatura marginal-periférica. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura, São Paulo*, v. 27, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO17992>

Submissão: 13 de maio de 2025. **Aceite:** 18 de maio de 2025.

Resumo: Desenvolvido na perspectiva de análise de textos relacionados ao trabalho docente, que congrega os aportes teórico-metodológicos do interacionismo sociodiscursivo (Bronckart, 2012; Bronckart; Machado, 2004; Machado; Bronckart, 2009) e das ciências do trabalho (Bendassolli, 2011; Clot, 2010), este artigo tem o objetivo de descrever as representações sobre o professor e o seu trabalho em contos do livro *Te pego lá fora*, de autoria do escritor Rodrigo Ciríaco, considerado um dos representantes da literatura marginal-periférica (Nascimento, 2006; Soares, 2008).

Palavras-chave: Interacionismo sociodiscursivo. Ciências do trabalho. Representações. Professor. Rodrigo Ciríaco.

* Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus Monteiro, Campina Grande, PB, Brasil. E-mail: brunoapcg@bol.com.br

INTRODUÇÃO

No âmbito da linguística aplicada brasileira, a perspectiva de análise de textos relacionados ao trabalho docente com base nos aportes teórico-metodológicos do interacionismo sociodiscursivo (ISD) começou a se desenvolver a partir dos anos finais do século XX, principalmente por meio da iniciativa dos membros do grupo “Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações” (Alter), liderado, à época, pela professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) doutora Anna Rachel Machado.

Em artigo do começo da segunda década deste século, Machado, Lousada e Ferreira (2011, p. 21) apontam seis grupos de textos que recebiam, à época, a atenção das investigações dos integrantes do Alter: I) os midiáticos; II) os prescritivos produzidos por diferentes instâncias; III) as instruções de professores para um possível substituto; IV) os produzidos em situação de trabalho; V) os elaborados pelos próprios professores após a realização de uma determinada tarefa; e VI) os produzidos por observadores do trabalho dos docentes. Embora os textos literários – foco deste artigo – não fossem uma prioridade no referido grupo, a tese de doutorado *A imagem esfacelada do professor: um estudo em textos de revista*, produzida por Daniella Barbosa Buttler (2009) e orientada por Anna Rachel Machado, aproximou-se desses textos ao realizar a análise das representações sobre o trabalho do professor em crônicas publicadas em duas revistas, *Veja São Paulo* e *Nova Escola*.

Neste artigo, seguimos parcialmente os caminhos de Buttler (2009) ao realizarmos a análise de textos literários a partir dos aportes do ISD. Porém, diferentemente do *corpus* da tese mencionada, os textos aqui analisados – contos – estão no suporte livro, qual seja, *Te pego lá fora*, publicado originalmente em 2008 e de autoria de Rodrigo Ciríaco, considerado um dos representantes da literatura marginal-periférica (Nascimento, 2006; Soares, 2008). De modo específico, nosso objetivo foi identificar as representações sobre o professor e o seu trabalho em contos de *Te pego lá fora*, nos quais os narradores são docentes.

Buscando atingir o objetivo mencionado, organizamos este artigo em cinco partes. Na sequência desta introdução, está a seção destinada aos fundamentos teóricos. Na terceira parte deste artigo apresentamos o contexto de produção dos contos analisados, descrevendo o que se tem denominado como literatura marginal-periférica. Na quarta parte está a análise dos contos nos quais os narradores são docentes, que está organizada em duas subseções: “Verão, Outono e Inverno: a amputação do poder de agir do professor” e “Primavera: indícios de restauração do poder de agir”. Por fim, evidenciamos as considerações finais.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Esta segunda parte do artigo está organizada em dois momentos. No primeiro, evidenciamos a noção de “representação” adotada e os procedimentos de análise de textos propostos pela perspectiva à qual este artigo está filiado, qual seja, a do ISD; no segundo, abordamos a noção de “poder de agir”, advinda das ciências do trabalho – área geralmente convocada nas análises sobre trabalho docente feitas com base nos aportes teórico-metodológicos do ISD.

O ISD – corrente desenvolvida, inicialmente, na Université de Genève, a partir dos anos 1980, e filiada a uma psicologia da linguagem inspirada no interac-

nismo social (Bronckart, 2021) – busca em quatro grandes campos do saber, quais sejam, a psicologia, a sociologia, a linguística e a filosofia, as bases para definir representação (Bronckart, 2001).

Das contribuições do psicólogo bielorrusso Lev Semionovitch Vigotski, o ISD adere à compreensão da representação como uma construção que parte do externo, o social, para o interno, o cognitivo. Da sociologia, são relidas pelo ISD as proposições teóricas, do francês Émile Durkheim, sobre representações coletivas e individuais, e do alemão Jürgen Habermas, sobre os sistemas conhecidos como mundos formais ou representados (Bronckart, 2001).

A principal contribuição do campo da linguística para a compreensão de representação no âmbito do ISD foi dada pelo suíço Ferdinand de Saussure, para quem “[...] a língua constitui o receptáculo privilegiado das representações coletivas, o meio pelo qual os conhecimentos humanos do mundo se conservam, se transmitem e se transformam” (Bronckart, 2001, p. 304, tradução nossa). No âmbito da filosofia, interessam particularmente ao ISD as proposições do francês Paul Ricoeur acerca do Círculo Hermenêutico que, em linhas gerais, compreendem os textos como o lugar de construção das representações do agir humano.

A partir dessas contribuições, o ISD entende representações como leituras/interpretações de um ser humano sobre o seu próprio agir¹ ou sobre o agir de outros (Bronckart; Machado, 2004). Para ter acesso a essas leituras/interpretações, que são construídas nos textos, essa corrente da psicologia da linguagem inspirada no interacionismo social desenvolveu procedimentos de análise (Bronckart, 2012; 2021; Bronckart; Machado, 2004; Machado; Bronckart, 2009). Neste artigo, utilizamos a proposta de procedimentos evidenciada em Machado e Bronckart (2009), desenvolvida sobretudo para a observação de textos relacionados ao trabalho docente. Essa proposta compreende, em linhas gerais, a análise do contexto de produção, dos níveis organizacional, enunciativo e semântico e das figuras de ação, conforme demonstrado no Quadro 1, a seguir.

<i>Condições de produção do texto</i>	Contexto físico Contexto sociossubjetivo
<i>Nível organizacional</i>	Plano global Tipos de discurso
<i>Nível enunciativo</i>	Marcas de pessoa Vozes Modalização
<i>Nível semântico</i>	Plano motivacional Plano da intencionalidade Plano dos recursos para agir
<i>Figuras de ação</i>	Identificação das figuras de ação: ocorrência; evento passado; experiência; canônica; e definição

Quadro 1 – Procedimentos propostos pelo ISD para a análise de textos

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da leitura de Machado e Bronckart (2009), Machado, Lousada e Ferreira (2011) e Bulea-Bronckart e Bronckart (2017).

1 Para o ISD, agir é “qualquer forma de intervenção orientada de um ou de vários seres humanos no mundo” (Bronckart, 2008, p. 120).

Neste artigo, focalizamos a análise do contexto de produção – apresentada na seção “O contexto de produção de *Te pego lá fora*”; do plano global pertencente ao nível organizacional; das marcas de pessoa, vozes e modalizações do nível enunciativo; e dos três planos do nível semântico.

No segundo momento desta seção, nossa atenção se volta para a compreensão de poder de agir adotada pela perspectiva desenvolvida pela linguística aplicada brasileira à qual este artigo se filia. Essa compreensão provém da psicologia do trabalho, que, por sua vez, a define a partir da obra de Baruch Spinoza, filósofo do século XVII de origem judaico-portuguesa nascido nos Países Baixos (Clot, 2010; Spinoza, 2021).

Para Yves Clot (2010, p. 8, grifo do autor), figura central da clínica da atividade – ramo da psicologia do trabalho, “[v]iver no trabalho é [...] desenvolver sua atividade, seus objetos, instrumentos e destinatários, afetando a organização do trabalho por sua iniciativa”. Quando uma pessoa consegue se reconhecer no desenvolvimento do seu trabalho, é possível dizer que ela encontra sentido no que faz, o que pode implicar uma ampliação do seu raio de ação, ou seja, do seu poder de agir.

Porém, quando há um enfraquecimento ou mesmo desaparecimento da relação entre os objetivos que são impostos a uma pessoa, “[...] os resultados a obter obrigatoriamente e o que é verdadeiramente importante” para ela, é provável que exista uma perda do sentido do trabalho para essa pessoa (Clot, 2010, p. 10). Essa perda pode implicar uma diminuição ou até a amputação do poder de agir do trabalhador, o que, geralmente, resulta em sofrimento e adoecimento (Clot, 2006; 2010; Bendassolli, 2011). Restaurar o poder de agir das pessoas nos contextos de trabalho é o objetivo da clínica da atividade, que, para tanto, propõe a análise do trabalho por métodos como a instrução ao sósia e a autoconfrontação (Clot, 2006; 2010).

Na perspectiva da linguística aplicada brasileira adotada neste artigo, as reflexões da clínica da atividade, entre diversas possibilidades, permitem a identificação de índices textuais que indicam a ampliação ou a diminuição do poder de agir.

O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE *TE PEGO LÁ FORA*

Na dissertação de mestrado intitulada *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*, Érica Peçanha do Nascimento (2006) identifica e caracteriza dois grupos de escritores brasileiros que se apropriaram da expressão “literatura marginal”: a geração de poetas dos anos 1970 e a geração de escritores marginais em atividade a partir do fim do século XX. Nossa interesse aqui são as características desse segundo grupo, ao qual está filiado o autor de *Te pego lá fora*.

De acordo com Nascimento (2006), essa nova geração é formada por representantes das classes populares e moradores de bairros localizados nas periferias urbanas do Brasil. Por esse motivo e tendo em vista diferenciar os dois grupos que se apropriaram da expressão “literatura marginal”, alguns pesquisadores, como Soares (2008), preferem denominar a produção dos escritores da geração em atividade a partir do fim do século XX como “literatura marginal-periférica”. Ainda segundo Nascimento (2006), esses escritores são majoritariamente homens, moradores do estado de São Paulo e ligados a movimentos

culturais/sociais. Os textos literários produzidos pelos membros desse grupo são, em sua maioria, poemas e contos, nos quais há a abordagem da vida dos membros das classes populares, principalmente dos problemas sociais e das relações de trabalho experienciados, e há recorrência da linguagem coloquial, gírias e palavrões.

O autor de *Te pego lá fora*, Rodrigo Ciriaco, é definitivamente um escritor da literatura marginal-periférica, não só por possuir algumas das características apontadas – ser homem, morar no estado de São Paulo, estar ligado a movimentos culturais/sociais e produzir textos com os aspectos mencionados, mas, principalmente, por ser reconhecido por outros escritores como um representante dessa literatura. Esse reconhecimento pode ser observado no seguinte trecho reproduzido da apresentação da segunda edição de *Te pego lá fora*, assinada por Ferréz (2014, p. 9) – um dos mais importantes nomes da geração de escritores marginais-periféricos:

Essa nova parceria da Literatura Marginal com a Editora DSOP vem, mais uma vez, trazer os talentos que hoje representam a fina flor da literatura da quebra-dela. Ciriaco é, além de professor e escritor, uma espécie de cientista social. Especialista em conflito e em sobrevivência, sua caneta causa mais estrago que o Mjölnir do Thor.

Além de uma apresentação assinada por Ferréz, a segunda edição de *Te pego lá fora*, publicada em 2014, por meio de uma parceria entre as editoras Literatura Marginal e DSOP, conta com uma orelha assinada por outro importante nome da literatura marginal-periférica, Sérgio Vaz. A edição de 2008 desse primeiro livro publicado por Ciriaco foi lançada pelo selo Edições Toró, cujo editor era o escritor Allan da Rosa. Tanto esse selo quanto o seu editor também estão diretamente envolvidos com a produção e a divulgação da literatura marginal-periférica. Depois de *Te pego lá fora*, Rodrigo Ciriaco publicou *100 mágoas*, em 2011, *Vendo PÓ...esia*, em 2014, e *Menino Moleque Poeta Serelepe*, em 2018. O escritor, que já participou de diversos festivais e feiras do mercado editorial no Brasil e no exterior, é produtor cultural e ativista da neurodiversidade.

Formado em História pela Universidade de São Paulo (USP), Ciriaco, que atualmente tem 45 anos, ingressou no quadro de professores efetivos do Governo do Estado de São Paulo em 2006. Nesse mesmo ano, começou a desenvolver o projeto “Literatura (é) Possível”, do qual é idealizador, em escolas públicas, com o objetivo de incentivar a leitura e a produção literária. Esse ambiente escolar que, pelo menos desde 2006, é o cenário da atuação profissional de Rodrigo Ciriaco, é a temática principal dos 27 contos de *Te pego lá fora*. Em reportagem assinada por Marcelle de Souza (2015), publicada no portal UOL em julho de 2015, o escritor apresenta algumas das motivações para a escrita desses contos:

O livro é um grande mosaico de várias histórias que vivi, observei e ouvi. Comecei a escrever, primeiro, para sobreviver a esse ambiente caótico que é a escola pública, tinha que encontrar uma válvula de escape para as angústias, a revolta. Além da indignação, muitas histórias não podiam passar em branco, não podiam ser esquecidas, atos criminosos que acontecem tão rotineiramente e que acabam se tornando banais. Então, relatar essas histórias seria uma forma de questionar esse ambiente, essa banalidade sobre o assunto.

Como revelou em postagem feita nas mídias sociais em março de 2021, para comemorar a aquisição de mais de 4.300 exemplares pelo Governo do Estado de

São Paulo a serem distribuídos nas salas de leitura, as narrativas de *Te pego lá fora* não foram tão bem recebidas por muitos que dividiam o ambiente de trabalho com Rodrigo Ciríaco.

[TE PEGO NA ESCOLA] O bom filho a casa torna. Ou seria o “mau” filho. Afinal, 10 anos atrás este livro quase me rendeu um processo administrativo. Ameaça de exoneração. Suas histórias até ameaça de agressão. [...] Eu, como ex-funcionário público, por 15 anos professor do estado, vendo meu livro (junto com o #VendoPÓesia) ser adotado depois de ser agredido, achincalhado, muitas vezes humilhado é uma alegria que não tem preço.

A segunda edição de *Te pego lá fora*, aqui utilizada, apresentada no tamanho conhecido como “livro de bolso” ou *pocket* (125 x 180 mm), tem na capa uma imagem, em tom vermelho, de cadeiras escolares amontoadas. O título, possivelmente uma referência às ameaças trocadas por alunos no ambiente interno da escola, e o nome do autor aparecem na cor branca. A quarta capa é assinada pelo agente literário Marcelo Laier. Há ainda citações nas páginas iniciais e finais, respectivamente de Hannah Arendt e Paulo Freire.

Na Tabela 1, apresentamos a distribuição dos 27 contos e evidenciamos as narrativas escolhidas para análise.

Parte do livro	Número de contos	Número de contos em análise	Título do conto	Número de páginas
“Verão”	8	1	“Perdidos na selva”	2
“Outono”	7	3	“Um estranho no cano”	5
			“Sem volta”	2
			“Da frente do front”	7
“Inverno”	6	2	“A placa”	2
			“Obituário”	5
“Primavera”	6	2	“Literatura (é) possível”	2
			“Nós, os que ficamos”	2

Tabela 1 – Descrição do *corpus*

Cada uma das quatro partes do livro é intitulada com o nome de uma estação do ano: “Verão” e “Outono” têm, respectivamente, oito e sete narrativas; “Inverno” e “Primavera” têm cada uma seis contos. Selecionei para análise oito textos de *Te pego lá fora* nos quais há a figura de um professor como narrador: um da parte “Verão”, três de “Outono”, dois da parte “Inverno” e dois de “Primavera”. Não incluímos na análise os contos que são construídos apenas pelos diálogos do professor com outros personagens, sem a presença de um narrador.

Pela marcação do gênero gramatical, é possível identificar que os professores, em seis dos contos analisados, são do sexo masculino: “Perdidos na selva”, “Um estranho no cano”, “Sem volta”, “Da frente do front”, “Obituário” e “Literatura (é) possível”. Porém, eles não são nomeados. As narrativas dos oito contos em

análise não acontecem propriamente no espaço da sala da aula, mas abordam questões que se iniciaram nesse espaço ou que afetam o trabalho do professor durante a aula.

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O PROFESSOR E SEU TRABALHO EM TE PEGO LÁ FORA

Dos procedimentos propostos pelo ISD para análise dos textos relacionados ao trabalho do professor, utilizamos principalmente a descrição do contexto de produção – feita na seção anterior – e a identificação dos temas (nível organizacional), dos índices de pessoa, das vozes e das modalizações (nível enunciativo), e dos planos motivacional, da intencionalidade e dos recursos para o agir (nível semântico).

A análise dos oito contos realizada a partir dos referidos procedimentos permitiu a identificação de duas categorias de análise: “Verão, Outono e Inverno: a amputação do poder de agir do professor” e “Primavera: indícios de restauração do poder de agir”.

VERÃO, OUTONO E INVERNO: A AMPUTAÇÃO DO PODER DE AGIR DO PROFESSOR

Esta subseção está organizada em dois momentos. Inicialmente, evidenciamos os temas dos seis contos analisados das partes “Verão”, “Outono” e “Inverno” de *Te pego lá fora*. Posteriormente, exemplificamos, a partir dos contos “Perdidos na selva”, “Um estranho no cano” e “Obituário”, as representações construídas sobre o professor e o seu trabalho.

Título do conto	Plano geral do conto
“Perdidos na selva”	<p>O professor-narrador descreve o ambiente.</p> <p>O professor-narrador descreve o agir de diversos actantes daquele ambiente em um dado dia.</p> <p>O professor-narrador descreve o ambiente.</p> <p>O professor-narrador descreve o agir de diversos actantes daquele ambiente em um dado dia.</p> <p>O professor-narrador descreve o ambiente.</p> <p>O professor-narrador descreve o agir de diversos actantes daquele ambiente em um dado dia.</p> <p>O professor-narrador descreve o ambiente.</p> <p>O professor-narrador descreve o agir de diversos actantes daquele ambiente em um dado dia.</p>

(continua)

Título do conto	Plano geral do conto
“Um estranho no cano”	A escola na visão do professor-narrador. A escola e a recepção aos professores novatos. A escola na visão do professor-narrador. Os alunos na visão do professor-narrador. O problema do aluno Zóinho/Robson. O problema do aluno Zóinho/Robson e o Conselho de Classe. O problema do aluno Zóinho/Robson. O professor-narrador diante do problema do aluno Zóinho/Robson. O professor-narrador depois do Conselho de Classe.
“Sem volta”	Os problemas dos alunos. O professor-narrador diante dos problemas dos alunos. Os problemas dos alunos. O professor-narrador diante dos problemas dos alunos. Os problemas dos alunos. O professor-narrador diante dos problemas dos alunos. Os problemas dos alunos.
“Da frente do front”	O professor-narrador e os <i>outros</i> antes da “guerra”. O professor-narrador conhece os “soldados”. O professor-narrador e os “comandantes”. O professor-narrador no cotidiano da “guerra”. O cotidiano da “guerra” piora. O professor-narrador planeja uma “reação”. A “reação” falha. O professor-narrador abandona a “guerra”. O professor-narrador no “pós-guerra”.
“A placa”	Os problemas dos alunos. O professor-narrador diante dos problemas dos alunos.
“Obituário”	O professor-narrador descreve o seu suicídio. O professor-narrador apresenta os motivos do seu suicídio. O professor-narrador descreve o seu suicídio. O professor-narrador descreve como se sentia quando vivo. O professor-narrador apresenta os motivos do seu suicídio.

Quadro 2 – Plano geral de seis contos das partes “Verão”, “Outono” e “Inverno”

A única narrativa da parte “Verão” em análise aqui é “Perdidos na selva”, na qual dois temas aparecem intercaladamente quatro vezes. Nesse conto, o foco do narrador é descrever um ambiente inóspito, que, como indica o título, seria uma selva; o próprio agir e o agir de 40 crianças nesse lugar. Somente ao final da narrativa o leitor encontra indícios de que esse ambiente seria uma sala de aula.

Em “Um estranho no cano” – o terceiro conto da parte “Outono”, há nove temas. Inicialmente, o professor-narrador apresenta a escola na qual começa a trabalhar e, na sequência, evidencia a recepção que era dada, nesse ambiente, aos professores novatos, como ele. Posteriormente, o narrador volta a focalizar a escola e, em seguida, os alunos. Os últimos cinco temas estão relacionados a um discente específico, Robson, popularmente conhecido como Zóinho.

No quarto conto da parte “Outono”, “Sem volta”, é possível identificar dois grandes temas, que se alternam nas duas páginas do texto, quais sejam: os problemas dos alunos, como uma gravidez indesejada na adolescência, e o professor-narrador diante desses problemas. Em “Da frente do front” – sétimo e último conto da parte “Outono” –, o narrador descreve a sua participação em uma guerra, desde a convocação até a decisão de abandonar o conflito. Alguns indícios no texto e o contexto de produção – descrito na seção anterior – possibilitam compreender que a guerra narrada nesse conto de sete páginas e nove temas é a docência.

Assim como em “Sem volta”, no conto de duas páginas intitulado “A placa”, o narrador volta a tematizar os problemas enfrentados pelos alunos e as implicações deles para a vida do docente. São dois os temas dessa quarta narrativa da parte “Inverno”. Em “Obituário”, sexto e último conto da parte “Inverno”, que contém cinco temas, um professor-narrador já morto descreve o seu suicídio e os motivos que o levaram a tomar a decisão de tirar a própria vida.

Dando início ao segundo momento desta subseção, apresentamos, no Quadro 3, os fragmentos correspondentes aos dois grandes temas que se alternam no conto “Perdidos na selva” – sétima narrativa da parte “Verão”.

Tema	Fragmento
O professor-narrador descreve o ambiente	“A caverna é escura e baixa. Quarenta crianças me acompanham. Ar rarefeito. Há musgo e lodo por todos os lados. Onze, doze anos. Há cinco meses estamos juntos.”
	[...]
O professor-narrador descreve o agir de diversos actantes daquele ambiente em um dado dia	“Tento demonstrar segurança. Por dentro eu choro. As crianças falam. Não se controlam. Marcos dá um soco em Kalil. Tumulto. Nova peleja. Silêncio! Será que não dá pra conversarmos? É tudo no grito? Surge um eco. Estranho barulho. Elas se assustam. Nos damos as mãos, continuamos andando. Agachados. Lado a lado. Alguns têm raiva, me olham com desconfiança. Procuro demonstrar força. Não acho. Ando na frente. Sozinho.”

Quadro 3 – Fragmentos de “Perdidos na selva”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Ciríaco (2014).

Do primeiro tema apresentado no Quadro 3, destacamos as modalizações apreciativas utilizadas para caracterizar o ambiente, que, por grande parte da narrativa, o leitor pensa ser uma selva: a caverna, que, posteriormente, pode ser lida como a sala de aula, é escura, baixa, coberta por musgo e lodo e tem ar rarefeito. É ainda importante pontuar a presença de um grande quantitativo de crianças/alunos sob a responsabilidade desse professor-narrador.

Da terceira ocorrência do grande tema “O professor-narrador descreve o agir de diversos actantes daquele ambiente um dado dia”, destacamos, inicialmente, as modalizações pragmáticas (“Tento demonstrar segurança”; “Procuro demonstrar força”). O narrador, possivelmente, por ser o único adulto naquela “caverna”, tem como objetivo ser uma figura forte e oferecer segurança – plano motivacional. No entanto, o docente não alcança o que deseja: “Por dentro eu choro”; “Não acho [força]”.

Ainda nessa terceira ocorrência, a alternância de índice de pessoa contribui para a construção de uma representação do professor como um profissional que busca enfrentar sozinho uma série de adversidades. Em meio ao “tumulto” da caverna/sala de aula, o docente tenta formar um coletivo, como registrar a presença do “nós” em momentos do fragmento apresentado no Quadro 3: “Será que não dá pra conversarmos?” e “Nos damos as mãos, continuamos andando”. Mais uma vez o que sobressai, porém, é o caráter solitário do agir do professor: “Ando na frente. Sozinho”. A narrativa termina com o toque do sinal (“salvo pelo gongo”) e a ida desse profissional, cansado e desesperado, para casa.

Do segundo conto em análise nesta subseção, “Um estranho no cano”, apresentamos, a seguir, dois fragmentos da parte final do conto que correspondem, respectivamente, aos temas: “O professor-narrador diante do problema do aluno Zóinho/Robson” e “O professor-narrador depois do Conselho de Classe”.

Tema	Fragmento
O professor-narrador depois do Conselho de Classe	<p>“Bom terminou a reunião, né? Eles reviraram o armário, trocaram cadeira, poltrona de lugar. Espalharam ratoeira, veneno. Só que eu era ligeiro. Desviava de tudo, tinha bom faro. Comia as sobras que caíam no chão no intervalo dos professores e voltava pro meu esconderijo.</p> <p>Até ontem eu ainda podia ouvir eles condenando a minha presença, a minha atuação. Imagina, em pleno Conselho de Classe, eu fazer aquela intervenção? Absurdo. Estavam revoltados. Deve ser por isso que hoje quando eu acordei não consegui mais sair. Tinha essa massa fria, úmida, cobrindo o buraco do cano. É, acho que foi cimento que passaram por aqui.”</p>
O professor-narrador diante do problema do aluno Zóinho/Robson	<p>“Bom, não dava mais pra eu ficar ali, omisso no meu canto. Precisava defendê-lo. Interrompi, pedi licença, comecei a falar. Expliquei que... Expliquei nada. Nem comecei a falar uma professora arregalou os olhos, subiu em cima da mesa e soltou um grito. Foi um pega-pa-capá danado. Professora correndo, o diretor com a vassoura na mão. Até a mãe do Zóinho ficou assustada. Aí eu vi que tinha feito merda. O melhor era ter ficado quieto, em silêncio, como sempre fiz. Foi um tal de jogar cadeira, bater com a vassoura. Eu com as minhas patinhas ziguezagueando, desviando. Até que eu entrei pelo cano.”</p>

Quadro 4 – Fragmentos de “Um estranho no cano”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Ciríaco (2014).

No fragmento correspondente ao tema “O professor-narrador diante do problema do aluno Zóinho/Robson”, observamos o que o docente-narrador faz durante a realização de um Conselho de Classe no qual se discutia a situação de um aluno específico. Esse discente, que, como ressalta o narrador, não sabia ler nem escrever, apesar de estar na quinta série, havia rasgado uma prova e saído, empurrando cadeiras, da sala de aula do professor identificado como Clóvis. Nesse processo, um desses móveis acertou o pé desse docente, fraturando-o.

No início desse fragmento, o professor-narrador apresenta a sua decisão de intervir em favor do aluno Robson/Zóinho, abandonando uma posição adotada por ele desde a sua chegada àquela escola, a de omissão em relação a fatos que aconteciam naquele ambiente. Duas ocorrências de modalizações deônticas (“não dava mais pra eu ficar ali, omissão no meu canto”; “Precisava defendê-lo”) indicam que, naquele momento, o professor-narrador entendia como uma obrigação a defesa de Robson. Ainda no início desse fragmento, encontramos a intenção desse profissional – plano motivacional (“Precisava defendê-lo”) e o recurso do agir, a linguagem (“Interrompi, pedi licença, comecei a falar. Expliquei que...”). Quando começa a fazer a defesa do aluno, o professor-narrador é interrompido por uma docente e uma confusão instala-se. Posteriormente, chega ao fim o Conselho de Classe.

No fragmento final do conto correspondente ao tema “O professor-narrador depois do Conselho de Classe”, estão as implicações do que o narrador fez anteriormente. Destacamos, desse fragmento, a presença de uma voz social que se opõe à decisão do narrador de defender um aluno (“Até ontem eu ainda podia ouvir eles condenando a minha presença, a minha atuação. Imagina, em pleno Conselho de Classe, eu fazer aquela intervenção?”). O coletivo parece assumir a posição de entidade superior que tem o poder de julgar o professor-narrador e bani-lo daquele ambiente, pois ele havia feito algo que tradicionalmente não se espera: a defesa de um aluno quando o desejado era que o professor se colocasse a favor de punições para aquele que havia atingido um dos membros daquele coletivo de docentes.

Assim como em todos os contos analisados das partes “Verão”, “Outono” e “Inverno”, em “Um estranho no cano”, as marcas de pessoa (“Interrompi, pedi licença, comecei a falar. Expliquei que...”) indicam um agir docente de caráter individual que se opõe a um grupo maior, no caso em questão, o diretor e os outros professores presentes no Conselho de Classe. Também de modo semelhante aos outros contos analisados nesta categoria, o poder de agir do professor é diminuído ou destruído, conforme é possível observar a partir de uma ocorrência de modalização pragmática (“Deve ser por isso que hoje quando eu acordei não consegui mais sair. Tinha essa massa fria, úmida, cobrindo o buraco do cano”).

A diminuição ou destruição do poder de agir também fica evidente pela observação de alguns mecanismos de textualização que sinalizam a transformação do ser humano professor em um animal irracional, um rato. No primeiro fragmento apresentado no Quadro 4, logo após ser interrompido enquanto falava – uma capacidade humana – e durante a confusão que se instala no Conselho de Classe, o professor-narrador indica possuir patas e entrar por um cano, em uma tentativa de fuga, características atribuídas aos ratos (“Eu com as minhas patinhas ziguezagueando, desviando. Até que eu entrei pelo cano”). Ao longo do segundo fragmento evidenciado no Quadro 4, outras unidades linguísticas são

introduzidas e contribuem para indicar o estabelecimento de uma compreensão de que o professor se tornou um rato (“Espalharam ratoeira”; “Comia as sobras”; “voltava pro meu esconderijo”).

O terceiro conto aqui apresentado para exemplificar a amputação do poder de agir do professor é “Obituário”. Destacamos dessa última narrativa da parte “Inverno”, no Quadro 5, um fragmento do tema “O professor apresenta os motivos do seu suicídio”.

Tema	Fragmento
O professor-narrador apresenta os motivos do seu suicídio	<p>“Você pode até achar que eu não pensei nos meus alunos, mas não. Eu pensei. Muito. Só pensava neles. Eles eram a minha preocupação principal. Mas eu cansei. Cê faz um trampo sério e não é reconhecido; trabalha, trabalha, trabalha e, no fim do mês, uma merreca de salário. Vê um monte de gente enrolando, falando bobagem, abusando do posto, tratando mal a molecada e curtindo uma com a sua cara de otário. Vê o governador ir na TV mostrar uma escola que não existe e tem que ficar calado. Ver a Secretaria de Educação, que não conhece a realidade, querendo te ensiná o beabá e tem que ficar calado. A Super Nanny, até a Super Nanny, cara, dizendo como você tem que educar o seu filho e tem que, ah, na boa né mér'mão? Chega.”</p>

Quadro 5 – Fragmento de “Obituário”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Ciríaco (2014).

Assim como nos contos anteriormente analisados, em “Obituário”, o alunado é apresentado como um grupo pelo qual o professor-narrador tem muita afeição (“Você pode até achar que eu não pensei nos meus alunos, mas não”, “Eles eram a minha preocupação principal”). Porém, como indica a sequência do fragmento, introduzida pelo “mas”, a ligação afetiva com os discentes não é mais suficiente para manter o professor-narrador trabalhando ou mesmo vivo. Há uma série de modalizações apreciativas, que indicam o descontentamento do narrador com o exercício profissional: “eu cansei”, “não é reconhecido”, “merreca de salário”, “com a sua cara de otário”.

No fragmento de “Obituário”, reproduzido no Quadro 5, estão evidentes três vozes trazidas pelo professor-narrador que impactam o seu fazer docente: o governador, a secretaria de educação e a apresentadora de um programa de televisão conhecida como *Super Nanny*. Como indicam as duas ocorrências da modalidade deônica “tem que ficar calado”, o profissional acaba sem ter como se opor ao que é estabelecido. Há, portanto, a diminuição/destruição do poder de agir do professor. A prescrição de como educar um filho advinda da apresentadora, o docente-narrador reage e busca uma saída da posição de apatia e, como já mencionado, essa é conseguida pelo suicídio. Nesse contexto, é possível apontar que o ambiente de trabalho desse professor-narrador é também responsável pela sua morte.

É significativo que “Obituário” seja o último conto da parte “Inverno”, que precede a “Primavera”, nas quais estão as narrativas que parecem apresentar

indícios de uma restauração do poder de agir. Conforme evidenciamos ao longo desta categoria, há em todos os contos analisados a demonstração da amputação do poder de agir dos professores. Em “Perdidos na selva”, “Sem volta” e “A placa”, os professores-narradores tentam agir, principalmente, por meio da fala, mas não obtêm sucesso. Mesmo assim, eles continuam vivos. Em “Um estranho no cano”, o ser humano transforma-se em um rato que não pode nem mais deixar o esconderijo. Em “Da frente do front”, o que sobra do professor-narrador é uma “massa disforme que não se pode chamar de corpo”. Já em “Obituário”, não há sinal de vida nenhuma: o professor cometeu suicídio.

PRIMAVERA: INDÍCIOS DE RESTAURAÇÃO DO PODER DE AGIR

Esta subseção também está organizada em dois momentos. Inicialmente, apresentamos os planos globais dos dois contos da parte “Primavera” analisados e, na sequência, exemplificamos as representações construídas nessa parte do livro em fragmentos do conto “Nós, os que ficamos”.

Título do conto	Plano geral do conto
“Literatura (é) possível”	Os sentimentos em relação àquele dia/ao sarau. O desenrolar daquele dia/o sarau. As reações àquele dia/sarau.
“Nós, os que ficamos”	A pergunta dos <i>outros</i> aos professores. A resposta dos professores aos <i>outros</i> . As investidas dos <i>outros</i> contra os professores. A resposta dos professores às investidas dos <i>outros</i> .

Quadro 6 – Plano geral de dois contos da parte “Primavera”

Nas duas páginas de “Literatura (é) possível”, quarto conto da parte “Primavera”, há três temas relacionados à realização de um sarau no espaço escolar. Já em “Nós, os que ficamos”, sexto e último conto da parte “Primavera” e, consequentemente, do livro *Te pego lá fora*, um coletivo, representado pelo “nós” já evidente no título, defende a necessidade de continuar a fazer o trabalho que desenvolve, mesmo diante das inúmeras adversidades tematizadas nos diversos contos anteriores. Embora seja possível identificar, por alguns índices no texto e pelo contexto de produção, que o trabalho que deve ser continuado é o do docente, não há uma menção explícita ao professor nesse conto.

Identificamos nesse “conto-manifesto” a existência de quatro temas. Uma única sentença (“Alguns nos perguntam: tá, o que vocês vão fazer?”) corresponde ao primeiro deles, qual seja, “a pergunta dos outros aos professores”. Na sequência, há a apresentação de uma resposta dos docentes à pergunta feita. O terceiro tema, reproduzido no Quadro 7, diz respeito “as investidas dos outros contra os professores”. Por fim, há o tema “as respostas dos professores às investidas dos outros”.

As investidas dos outros contra os professores	<p>“Convites, propostas não faltam. Argumentos são duros. Muito. Principalmente quando vêm de dentro de casa:</p> <p>– É isso que você quer pro seu futuro? Pra sua família? Se matar pra ganhar essa miséria de salário? Ninguém liga para o que você faz. Ninguém liga para o seu trabalho. Você é que é covarde, tem medo de mudar.”</p>
A resposta dos professores às investidas dos outros	<p>“Muitas horas fraquejamos.</p> <p>Quase nos damos por vencidos e, está bem. Vamos mudar.</p> <p>Mas aí pensamos: poxa, não é isso o que queremos.</p> <p>Não é isso que queremos para nossos irmãos, primos, amigos.</p> <p>Não é isso que queremos para ninguém.</p> <p>Por isso é preciso ficar.</p> <p>[...]</p> <p>Não queremos nos mudar do lugar que sobrevivemos. Queremos mudá-lo.</p> <p>Torná-lo mais bonito, mais solidário.</p> <p>[...]</p> <p>Nós não sairemos daqui.”</p>

Quadro 7 – Fragmentos de “Nós, os que ficamos”

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Ciríaco (2014).

O fragmento correspondente ao tema “as investidas dos outros contra os professores” é iniciado pelo narrador dizendo que as propostas para abandonar a profissão docente são muitas e vindas de diversas pessoas, inclusive de familiares. Há, aqui, em discurso direto, uma voz social, que interpela o narrador (“você”) chamando-o de “covarde” e medroso (“tem medo de mudar”), mas também todos os membros do coletivo “nós”. Para essa voz, o narrador deveria deixar essa profissão árdua (“Se matar”), mal remunerada (“essa miséria de salário”) e não reconhecida socialmente (“Ninguém liga para o seu trabalho”).

No segundo fragmento de “Nós, os que ficamos”, reproduzido no Quadro 7, aparece a resposta, que não vem apenas do narrador (“você”), mas de um coletivo (“fraquejamos”, “vamos”, “queremos”). Nela, o professor-narrador confessa que as investidas dos outros que buscam fazê-lo abandonar a profissão, às vezes, quase conseguem obter sucesso (“Quase nos damos por vencidos e, está bem. Vamos mudar”). Porém, por meio de modalização deôntica (“...é preciso ficar”), esse profissional, que representa um coletivo, expressa a decisão de permanecer, pois há uma finalidade – plano motivacional (“Não queremos nos mudar do lugar que sobrevivemos. Queremos mudá-lo. Torná-lo mais bonito, mais solidário”).

Diferentemente dos contos analisados na subseção anterior, nas narrativas “Literatura (é) possível” e “Nós, os que ficamos”, parece haver uma restauração do poder de agir. Há ainda diversas vozes que, em sua maioria, desqualificam a importância da educação. No entanto, a outrora intenção, de caráter individual, de defendê-la, torna-se uma finalidade de origem coletiva, conforme aponta os índices de pessoa. E, como defendem os estudos em clínica da atividade (Clot, 2006, 2010), por meio da mudança do agir individual para o coletivo, o grupo consegue proteger o poder de agir de ser destruído/diminuído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última seção, inicialmente sintetizamos a análise acerca das representações construídas sobre o professor e seu trabalho em oito contos de *Te pego lá fora*, de Rodrigo Ciríaco, e, posteriormente, apresentamos possibilidades de uso da análise aqui realizada na formação de professores.

Na análise dos contos das três primeiras partes do livro, respectivamente “Verão”, “Outono” e “Inverno”, identificamos a incidência do índice de pessoa “eu” revelando o estatuto individual do agir dos professores; as modalizações apreciativas indicando aspectos negativos da profissão e do estado físico e mental dos professores; e as modalizações deônticas apontando tanto as obrigações que os próprios professores julgam ter quanto as que lhe são impostas.

As vozes mais recorrentes nessas três partes são, geralmente, de pessoas e instituições envolvidas com a diminuição/destruição do poder de agir docente. Embora preocupados com o alunado – como demonstra a análise no nível semântico –, os professores são representados como pessoas que estão desencantadas com a profissão, pois geralmente têm o seu poder de agir diminuído ou mesmo amputado (Clot, 2010; Spinoza, 2021), o que, por sua vez, causa sofrimento e adoecimento a esses profissionais.

Na análise de dois contos da parte “Primavera”, evidenciamos a forte presença do índice de pessoa “nós” revelando o estatuto coletivo do agir dos professores. Embora ainda haja, nesses dois contos, as vozes de pessoas e instituições que parecem se opor aos planos dos professores, é possível identificar índices de restauração do poder de agir e, assim, temos um professor que deseja continuar a exercer a docência e, por meio dela, contribuir para mudanças necessárias na sociedade.

Bronckart e Machado (2004, p. 136) defendem que o objetivo da identificação das representações construídas nos textos *sobre e do trabalho docente* – que tem sido alvo de diversas pesquisas (Bueno, 2007; Diolina; Bueno, 2021) – seria permitir a discussão delas, tendo em vista consolidar aquelas que se mostrassem produtivas e reformular as que fossem necessárias, conforme podemos observar no fragmento a seguir.

[...] detectar as representações sobre o trabalho educacional nos diferentes textos, confrontá-las e discuti-las com os trabalhadores/professores envolvidos nos parece ser fundamental para sua consolidação ou reformulação, conforme a necessidade do momento. Portanto, compreender as ações efetivamente desenvolvidas pelo professor, sua configuração, as representações sobre sua motivação, sua finalidade, a responsabilidade que ele aí assume implica assumirmos também que é a análise dessa rede discursiva que pode nos trazer a compreensão (Bronckart; Machado, 2004, p. 136).

Cientes desse objetivo final da identificação das representações, um possível passo seguinte do empreendimento aqui realizado – que já começou a ser gestado no local em que atuamos – é apresentar e discutir, com professores em formação inicial e com docentes já em atuação em diferentes redes de ensino, as representações sobre o docente e seu trabalho no livro de Rodrigo Ciríaco, que, além de uma potente voz da literatura marginal-periférica, já atuou, por muitos anos, em sala de aula e continua em estreito diálogo com esse espaço, por meio de suas atividades como produtor cultural e ativista pela neurodiversidade.

THE TEACHER AND THEIR WORK IN TEXTS FROM THE MARGINAL-PERIPHERAL LITERATURE

Abstract: This paper aims at describing the representations about the teacher and their work that are built in short stories of *Te pego lá fora*, by Rodrigo Ciríaco, a writer from the marginal-peripheral literature movement (Nascimento, 2006; Soares, 2008). This study is situated in the perspective of analysis of texts related to teaching work, that is based on theoretical-methodological framework of the Socio-discursive Interactionism (Bronckart, 2012; Bronckart; Machado, 2004; Machado; Bronckart, 2009) and of the work sciences (Bendassolli, 2011; Clot, 2010).

Keywords: Socio-discursive Interactionism. Work sciences. Representations. Teacher. Rodrigo Ciríaco.

REFERÊNCIAS

- BENDASSOLLI, P. F. Mal-estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 65-99, 2011.
- BRONCKART, J.-P. Langage et représentations. In: DORTIER, J.-P. (coord.). *Le langage: nature, histoire et usage*. Auxerre: Science Humaines Editions, 2001. p. 303-308.
- BRONCKART, J.-P. *O agir nos discursos*: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Tradução e organização Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: Educ, 2012.
- BRONCKART, J.-P. O interacionismo sociodiscursivo: atividade de linguagem, textos e estados de língua. In: BRONCKART, J.-P. *Teorias da linguagem*: nova introdução crítica. Organização e tradução Eliane Gouvêa Lousada, Luzia Bueno e Anna Maria Mattos Guimarães. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 355-358.
- BRONCKART, J.-P.; MACHADO, A. R. Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In: MACHADO, A. R. (org.). *O ensino como trabalho*: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 131-163.
- BUENO, L. *A construção de representações sobre o trabalho docente*: o papel do estágio. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BULEA-BRONCKART, E.; BRONCKART, J.-P. As representações do agir educacional no quadro do gênero entrevista. In: BRONCKART, J.-P.; BULEA-BRONCKART, E. *As unidades semióticas em ação*: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. Tradução e organização Ana Maria de Mattos Guimarães, Eliane Gouvêa Lousada e Luzia Bueno. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 161-188.
- BUTTLER, D. B. *A imagem esfacelada do professor*: um estudo em textos de revista. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

- CIRÍACO, R. *Te pego lá fora: contos*. 2. ed. São Paulo: DSOP, 2014.
- CIRÍACO, R. [TE PEGO NA ESCOLA]. São Paulo, 5 mar. 2021. @rodrigociriaco. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMGBjZ6HsP2/?igsh=MW1xdXM2NXB2ajBhbQ==>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- CLOT, Y. *A função psicológica do trabalho*. Tradução Adail Sobral. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CLOT, Y. *Trabalho e poder de agir*. Tradução João Guilherme de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- DIOLINA, K.; BUENO, L. Representações do trabalho docente em diferentes contextos. In: LOUSADA, E. G.; BARRICELLI, E.; BUENO, L. (org.). *A Clínica da Atividade e as contextualizações brasileiras: debates e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 243-264.
- FERRÉZ. Apresentação. In: CIRÍACO, R. *Te pego lá fora: contos*. 2. ed. São Paulo: DSOP, 2014. p. 9.
- MACHADO, A. R.; BRONCKART, J.-P. (Re)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo Alter-Lael. In: ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (org.). *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 31-77.
- MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G.; FERREIRA, A. D'O. Breve definição dos fundamentos e procedimentos dos estudos do trabalho do professor. In: MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G.; FERREIRA, A. D. (org.). *O professor e seu trabalho: a linguagem revelando práticas docentes*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 15-28.
- NASCIMENTO, É. P. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SOARES, M. H. *A literatura marginal-periférica na escola*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- SOUZA, M. Professor narra em livro histórias sem final feliz da escola pública. UOL, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/13/professor-narra-em-livro-historias-sem-final-feliz-da-escola-publica.htm>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- SPINOZA, B. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.